

A PROPÓSITO DE "POSSIBILIDADE, COMPOSSIBILIDADE E INCOMPOSSIBILIDADE EM LEIBNIZ", DE EDGAR MARQUES '

*Déborah Danowski**

RESUMO *O presente texto faz uma crítica de duas teses por meio das quais É. Marques, em seu artigo "Possibilidade, compossibilidade e impossibilidade em Leibniz", busca explicar a impossibilidade entre substâncias: que a harmonia se dá através de uma "visão panorâmica" que reuniria os conteúdos representacionais de todas as substâncias criadas, e que as substâncias individuais se concebem independentemente da noção do mundo em que elas se atualizam.*

Palavras-chave *Leibniz, compossibilidade, impossibilidade, harmonia, representação*

ABSTRACT *This paper criticizes two points made by É. Marques in "Possibilidade, compossibilidade e impossibilidade em Leibniz" as he aims to account for impossibility among substances: that harmony depends on a kind of panoramic view that includes the representational contents of all created substances, and that individual substances are conceived in Leibniz independently of the notion of the world in which they are to be actualized.*

Key-words *Leibniz, compossibility, impossibility, harmony, representation*

* Professora do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Artigo recebido em jan./2004 e aprovado em fev./2004.

1 Este brevíssimo comentário foi escrito a convite de Edgar Marques, após uma conversa nossa sobre a primeira versão de seu artigo. Todas as citações que faço em meu texto referem-se a esse mesmo artigo

Em seu artigo "Possibilidade, compossibilidade e impossibilidade em Leibniz", publicado no presente volume, Edgar Marques se propõe a responder a esta questão básica sobre a metafísica leibniziana: como substâncias individuais absolutamente independentes e fechadas em si mesmas podem ser impossíveis? A resposta que o autor encontra para essa questão é uma espécie de ampliação ou transposição da resposta a uma outra pergunta, com que inicia o artigo: o que nos permite dizer que predicados logicamente contraditórios tornam impossível o conceito de uma substância? Sua hipótese é que a contradição entre notas ou predicados só determina a impossibilidade da existência de uma substância individual porque essas notas ou predicados se encontram unidos nessa substância por alguma coisa que os ultrapassa, a saber, por aquilo que constitui a substância como uma unidade. A importância dessa afirmação me parece ser que ela deixa claro que uma substância não é um mero somatório de predicados, um mero conjunto lógico de atributos mutuamente não-contraditórios. Ela é também a razão que justifica a presença de cada um desses predicados dentro de seu conceito completo e a lei que rege a passagem entre eles.

O problema da compatibilidade ou incompatibilidade entre *substâncias* parece requerer uma solução semelhante, e é isso o que Edgar Marques faz na segunda parte de seu artigo. Se um dos traços principais da definição da substância como um ser completo é sua independência radical em relação a tudo o mais exceto Deus, o que impede a existência em um mesmo mundo de substâncias impossíveis? A noção de impossibilidade parece supor, como a noção de possibilidade no caso das substâncias individuais, a idéia de um campo comum transcendente, capaz de servir de medida para seu acordo ou desacordo. O autor parte da idéia de que, dada a ausência de comunicação real entre as substâncias, não seria contraditória a existência, em substâncias distintas, "de representações dotadas de conteúdos contraditórios entre si". Sendo assim, segundo ele, para explicar a contradição e a impossibilidade é preciso buscar um princípio que efetue a relação entre os conteúdos representacionais das diferentes substâncias. Esse princípio será a harmonia: "Substâncias distintas são compossíveis (...) caso suas representações de mundo possam ser harmonicamente integradas em uma única representação panorâmica que as inclua, sendo impossíveis quando tal não se dá."

São dois meus principais pontos de discordância em relação a essa interpretação. Em primeiro lugar, embora pense que o conceito de harmonia seja de fato fundamental para explicar as noções de compossibilidade e de impossibilidade, não creio que seja necessário recorrer a uma representação panorâmica transcendente para explicá-la. A meu ver, a razão por que o autor preci-

sou recorrer a essa representação panorâmica é não ter levado longe o suficiente aquilo que ele mesmo considerou como a única maneira de explicar a impossibilidade: o exame do conteúdo representacional de *cada* substância. Ora, o que esse exame nos mostra é que a harmonia determina o interior mesmo de uma substância, uma vez que as substâncias do melhor dos mundos possíveis se entre-exprimem, ou seja, o conjunto das representações de cada uma inclui as representações de todas as outras. Dito de outra forma, o "espaço de atualização" em que se projetam os conteúdos intensionais das diversas representações são as próprias substâncias (motivo por que, aliás, ele não poderia ser um espaço único).

Reformulando o exemplo do autor, se tanto a mônada A como a mônada B representam a si mesmas como estando em uma relação R exclusiva (digamolo assim) com C, elas serão impossíveis, não em virtude de um ponto de vista que incluísse ambas, mas simplesmente porque a mônada A, além de representar a si mesma como estando nessa relação com C, ao exprimir ou representar a mônada B exprime-a ou a representa também como estando nessa mesma relação com C (já que essa é a representação que B faz de sua relação com C). Mas como a representação por A dessa relação implica ao mesmo tempo a representação de que B não tem e não pode ter essa mesma relação com C, a presença de A e B em um mesmo mundo atualizado criaria uma contradição. Ou seja, A representaria ao mesmo tempo que B não tem essa relação e que B tem essa relação (um raciocínio semelhante valendo para as representações de B).

Isso implica, como já deve ter ficado claro — e este é meu segundo ponto de discordância —, que não vejo como se poderiam conceber substâncias independentemente do mundo possível que as conteria (em outras palavras, de seu "espaço de atualização"). Uma vez que o mundo harmônico escolhido por Deus é um mundo cujas substâncias se entre-exprimem completamente, o conceito completo de cada uma dessas substâncias contém ao mesmo tempo, como representação, todo o mundo em que ela se insere. O mundo é, portanto, concebido e criado juntamente com as substâncias individuais. Ou antes, ele é concebido *nas e pelas* substâncias individuais, e por isso não poderia transcender suas diversas visões perspectivas.

RESENHA

**Rodrigo Duarte, *Teoria crítica da indústria cultural*.
Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.218p.**

*Verlaine Freitas**

Abrangente e minucioso: duas características, em geral mutuamente excludentes, que podem ser atribuídas ao livro de Rodrigo Duarte, que fala sobre a abordagem dos filósofos da Escola de Frankfurt em relação ao fenômeno da indústria cultural. O percurso do autor é extenso: desde elementos históricos da fundação da Teoria Crítica, até os desdobramentos econômico-políticos atuais do fenômeno da globalização no âmbito da cultura de massa, passando pelas formulações iniciais de Marcuse, Benjamin e Adorno, e concentrando-se nos escritos deste último sobre o tema, seja na *Dialética do esclarecimento*, ou nos textos sociológicos e propriamente estéticos.

O contexto de surgimento da Escola de Frankfurt já indica uma das peculiaridades de suas produções teóricas. Max Horkheimer e seus companheiros formaram um grupo de intelectuais que se recusava a assumir a diretriz dos então atuantes partidos comunistas ou social-democratas. Sua tarefa era a de resgatar a dimensão crítica da filosofia e das ciências sociais por meio de estudos interdisciplinares que congregavam diversas formas de conhecimento, tal como a sociologia, a psicanálise, a pesquisa empírica, teorias artísticas e, obviamente, a própria filosofia. Em vez de um pensamento teórico pretensamente desinteressado de seu objeto de estudo, tal como a teoria tradicional, esse grupo trouxe para a própria teoria a dimensão transformadora da realidade que

* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais.